

# SOUSÂNDRADE E AUGUSTO DOS ANJOS: RELEITURAS NO SÉCULO XXI

## SOUSÂNDRADE Y AUGUSTO DOS ANJOS: RELECTURAS EN EL SIGLO XXI

Roseméri Aparecida Back<sup>1</sup>

**RESUMO:** O trabalho com o texto poético em sala de aula tem se tornado uma árdua tarefa no século XXI. Em geral, não há mais o hábito da leitura; mas do texto poético está cada vez mais precário e insuficiente. Isso se deve, em grande parte, porque na maioria das vezes o leitor, aluno ou professor, desconhece as formas de leitura da poesia. Assim, o objetivo deste trabalho é oferecer novas possibilidades de leitura para o texto poético, a partir de alguns poemas de Joaquim de Sousa Andrade e Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, cujos escritos necessitam de várias leituras para que se possa compreendê-los, interpretá-los e aplicá-los. É preciso acolher esses textos poéticos, a fim de que nos sensibilizem, provoquem emoções, impressões ou reflexões. Como referências, foram usados alguns conceitos de Jauss e Cortez & Rodrigues.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Poesia. Leitura. Sousândrade. Augusto Dos Anjos.

Vivemos numa época em que o trabalho como professor em sala de aula tem se tornado árduo e, muitas vezes, até desestimulador. Os meios de comunicação e as tecnologias estão, de certa forma, roubando o espaço dos educadores, pois é cada vez mais difícil incitar o aluno a estudar, a buscar em folhas de papel ou livros o conhecimento científico. O que se percebe cada vez mais é um amontoado de informações; no entanto, há uma precariedade de conhecimento. E quando se fala em leitura, mais especificamente em texto literário poético, os insucessos se fazem mais perceptíveis ainda.

Primeiramente, ao nos questionarmos por que estamos sentindo essas dificuldades, pergunta-se: os profissionais da educação pelo menos têm a noção clara do que é poesia e poema? Mesmo que seus conceitos estejam entrelaçados, eles são bem diversos. E para muitos, poesia e poema são exatamente a mesma coisa. Poema é a estrutura, é a forma do texto que é escrito em versos. Poesia, se é que é possível defini-la, é o trabalho que o poeta realiza com as palavras.

A história da poesia do Brasil começa no século XVI, o primeiro século da colonização, com a chegada dos padres da Companhia de Jesus, mais exatamente com José de Anchieta, jovem jesuíta das Canárias, evangelizador e mestre que, segundo a tradição,

---

<sup>1</sup> Roseméri Aparacida Back é mestranda em Literatura Comparada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) – Campus de Frederico Westphalen. E-mail: rosemeriback@bol.com.br.

escreveu 4072 versos latinos à Virgem nas areias da praia de Iperoig, atual Ubatuba, em São Paulo, com seu bastão. O primeiro poeta brasileiro foi Gregório de Matos, que ganhou destaque por sua produção satírica. Depois, tivemos um surgimento crescente de outros grandes poetas, o que ocorre até os dias de hoje. Entretanto, infelizmente, nota-se o desaparecimento de leitores de poesia.

O aluno não lê poesia. O professor, geralmente, também não. Assim, o aluno não tem contato com o texto poético e é esse o maior problema que enfrentamos. Ele precisa ser instigado desde cedo à leitura de poesia; mas primeiramente, o professor deve se transformar em leitor apto a interpretar e compreender o que o poeta transmite em meio aos versos. É necessário descobrir meios de familiarizar e aproximar as crianças e os jovens da poesia. Essa forma de familiarização e aproximação deve ser realizada para que se evitem as muitas afirmações de que os poemas são difíceis de interpretar e entender.

Carlos Drummond de Andrade (1974) interroga sobre o afastamento do indivíduo da poesia:

Por que motivo as crianças de modo geral são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? Será que a poesia é um estado de infância relacionado com a necessidade de jogo, a ausência do conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos do viver – estado de pureza da mente em suma? Acho que é um pouco de tudo isso, [...] mas se ela encontra expressão cândida na meninice, pode expandir-se pelo tempo afora, conciliada com a experiência, o senso crítico, a consciência estética dos que compõem ou absorvem poesia. Mas, se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância, que vai fenecendo, à proporção que o estudo Sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida? (ANDRADE, 1974, p. 16).

Dessa forma, indaga-se: como ler poesia em sala de aula em pleno século XXI? E a partir disso, começa a tornar-se significativa pensar em realizar uma leitura diferenciada dos textos poéticos, a fim de que se passe, além de compreender, especialmente, a aprender a lê-los. Para isso, selecionamos alguns poemas de dois grandes escritores brasileiros: Joaquim de Sousa Andrade e Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos. O primeiro é maranhense e se autodenominou Sôsândrade. A história literária havia relegado o poeta entre os nomes secundários, mas a crítica literária o repôs em circulação. Augusto dos Anjos é paraibano e poeta de um único livro, intitulado *Eu*.

*Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 132-142, ago.-dez., 2011. Recebido em 27 out.; aceito em 30 nov. 2011.

Num primeiro momento, é importante termos a compreensão de que tanto a criação quanto a leitura da poesia se pautam menos pela busca de uma realidade do que pela busca de um estado ou de uma emoção. Por isso, “não se trata apenas e necessariamente de reconhecer no poema, por si só, ações e atitudes de algum personagem, mas sim de apreender também um estado, ou uma emotividade estética” (CORTEZ & RODRIGUES, 2009, p. 60). O texto poético pode ser lido de forma mais espontânea ou de forma mais analítica, mas o mais importante é que se deixe aflorar a sensibilidade e a emoção. Muitos poemas, os surrealistas, por exemplo, são de difícil compreensão ou até aparentemente chegar ao *nonsense*, fazendo com que alguns leitores, numa primeira leitura, pensem que esses poemas não têm sentido nem significado.

Torna-se passível de compreensão os problemas existentes quanto à leitura, à compreensão, à interpretação e, conseqüentemente, ao desgosto pelo texto poético, se lembrarmos que ocorreu certo atraso da hermenêutica literária, pois o processo hermenêutico se reduzia somente à explanação. Nenhuma teoria da compreensão foi desenvolvida para textos de caráter estético. Jauss (2002) definiu três etapas ou três leituras sucessivas do processo hermenêutico que poderia ser característico de um texto de caráter estético: a compreensão, a interpretação e a aplicação. A compreensão é o ponto de partida do processo da leitura, a fase seguinte é a leitura retrospectiva (quando se dá a interpretação). O terceiro momento é o da leitura histórica, que recupera a recepção de que a obra foi alvo ao longo do tempo (etapa da aplicação).

A hermenêutica literária se preocupa não só com a recepção do texto poético, mas porque vê no caráter estético do texto a premissa da própria interpretação. “Aquilo que o texto poético dá a entender antecipadamente graças ao seu caráter estético, resulta do seu efeito processual. Por isso não pode ser deduzido diretamente de uma descrição de sua estrutura acabada, como ‘artefato’, [...]” (JAUSS, 2002, p. 876). Jauss (2002) ainda afirma que o texto poético se torna compreensível quando as estruturas poéticas são reconduzidas para o processo de experiência com o texto, o que permite ao leitor participar da constituição textual. Segundo ele,

[p]ara sabermos como o texto poético nos permite perceber e compreender algo antecipadamente, graças ao seu caráter estético, a análise não pode partir imediatamente da pergunta pelo seu significado de detalhes na forma plena do todo, mas deve seguir o significado ainda em aberto durante o processo da recepção, percepção esta que o texto orienta como ‘partitura’. A descoberta do caráter estético, característico ao texto poético, [...], deve seguir a orientação dada à percepção

*Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 132-142, ago.-dez., 2011. Recebido em 27 out.; aceito em 30 nov. 2011.

estética pela disposição do texto, pela sugestão do ritmo e pela realização gradativa da forma (JAUSS, 2002, p. 877).

A percepção estética é vista como elemento que permite a compreensão prévia para que se possa realizar a interpretação de um texto poético. É necessário compreender que o significado de um poema se torna mais claro somente numa segunda leitura, ou seja, “aquilo que o leitor assimilou no horizonte progressivo da percepção estética torna-se tematizável no horizonte retrospectivo da interpretação” (JAUSS, 2002, p. 878). Dessa forma, o leitor deve realizar a partitura do texto, verso por verso, para conseguir aperceber-se da forma plena da poesia, o que não garante a percepção do seu sentido global; em seguida, ele precisa procurar e produzir o significado que ainda está incompleto através de uma leitura retrospectiva, retornando do fim ao início, do todo ao particular. Ainda é imprescindível realizar uma terceira leitura, a histórica.

A leitura histórica se presta à interpretação de uma obra de acordo com as proposições apropriadas a sua época; entretanto, é preciso tomar o cuidado para que não se caia no erro de adaptar ingenuamente um texto do passado aos preceitos de nossa época. Numa primeira leitura, não há uma prioridade temporal. Essa compreensão pode ser obtida apenas numa segunda leitura ou com a ajuda da compreensão histórica. “A percepção estética não é um código universal atemporal, mas, como toda experiência estética, está ligada à experiência histórica” (JAUSS, 2002, p. 884).

Nesse contexto, é possível compreender por que a leitura da poesia nos últimos tempos está se tornando cada vez mais precária. A leitura do poema é realizada de forma fragmentada. Na maioria das vezes, realiza-se uma primeira e única leitura, buscando logo e exclusivamente o seu significado. Para que isso não continue ocorrendo, é necessário acolher o texto poético, pois ele tem o poder de sensibilizar, de provocar emoções, impressões ou reflexões. Muitas vezes acredita-se que a poesia tem que ter significado; contudo, não é só isso. Sua função não é só transmitir uma mensagem, mas fazer com que o leitor receba e perceba algo de ordem sensível, indizível, diferente da forma como dizemos num bilhete, num conto ou numa peça de teatro.

A partir do exposto, é necessário começar a ler o texto poético, pois poesia é algo que nos obriga a ir além daquilo que se vê, daquilo que está pronto. Não é tão relevante entender o poema, mas senti-lo. Muitas vezes é necessário compreender um pouco do poeta, perceber o contexto histórico, saber sentir emoções. Isso fica mais compreensível quando, por exemplo, *Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 132-142, ago.-dez., 2011. Recebido em 27 out.; aceito em 30 nov. 2011.

possuímos estas informações acerca de Sousândrade: conheceu bem o fenômeno das concentrações urbanas como Nova Iorque e os escândalos financeiros e políticos que aconteciam nos bancos de *Wall Street*. O poema *O Guesa*, que será discutido mais adiante, remete-nos a certos aspectos daqueles episódios. Suas poesias refletem suas experiências vividas através das suas viagens: a cultura indígena, a ascensão da industrialização europeia e norte-americana e a visão capitalista.

Sousândrade viajou várias vezes à Europa e permaneceu longo tempo nos Estados Unidos, o que fez com que o mundo capitalista se lhe abrisse. Era filho de latifundiários; mas criticava a aristocracia rural e o capitalismo e apoiava as ideias republicanas. Os outros românticos de sua época viviam fechados num contexto provinciano, repleto de influências francesas. Suas poesias, entre elas, *Harpas Selvagens* (1857), *Obras Poéticas* (1874), *Guesa Errante* (1876, 1877) e *O Guesa* (188?), apresentam um maior cuidado quanto à sonoridade, na escolha do léxico e na estrutura sintática. Seus versos são repletos de um vocabulário diferenciado com termos indígenas, neologismos e palavras inglesas.

Augusto dos Anjos, filho de proprietários de engenhos, cursou Direito, quando se familiarizou com os termos científicos, os quais passou a usar até mesmo em sua poesia. É poeta de uma produção literária muito reduzida, mas bem original. Suas principais obras são o poema *Saudade* (1900), *Eu* (1912), único livro de poemas, e o soneto *Psicologia de um vencido* (1909), as quais surpreendem por sua linguagem, repleta de vocábulos excêntricos, de tom pessimista, considerado único em nossa literatura. Centrava sua obra no ser humano, no mistério do “eu” e na dimensão cósmica.

A pequena introdução realizada acerca dos escritores é condição importante para podermos compreender melhor suas poesias. A partir disso, realizaremos as leituras necessárias para que se extraia o seu significado; mas acima de tudo, tentar revelar os sentimentos e emoções que os poemas ocultam e que são manifestados através de uma leitura mais analítica ou até mesmo espontânea e ingênua.

Sousândrade, em seu poema *O Guesa* (188?), composto em treze cantos, alguns incompletos, retoma uma lenda quíchua que narra o sacrifício de um adolescente que depois de peregrinações na rota do deus Sol, acaba nas mãos de sacerdotes que lhe extraem o coração e recolhem o sangue nos vasos sagrados. O poeta teve uma intuição dos tempos modernos, quando imagina o Guesa fugindo dos sacerdotes e se refugiando em *Wall Street*, onde reencontra seus carrascos disfarçados de empresários e especuladores. O *Guesa* inicia no

*Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 132-142, ago.-dez., 2011. Recebido em 27 out.; aceito em 30 nov. 2011.

Amazonas, desce até o Maranhão, Rio de Janeiro, vai à Europa e à África, retorna subindo pelo Amazonas, Antilhas, Nova Iorque (*Wall Street*), retorna pelo Pacífico, tem a visão dos libertadores da América, o Império Inca, os Andes, o Chile, a Patagônia, o Polo Sul, quando retorna novamente à terra pátria. No canto XI, o Guesa passa por alguns países da América Latina. Os fragmentos a seguir pertencem a esse canto:

Quando as estrelas, cintilada a esfera,  
Da luz radial rabiscam todo o oceano  
Que uma brisa gentil de primavera,  
Qual alva duna os alvejantes panos,  
Cândida assopra, — da hora adamantina  
Velando, nauta do convés, o Guesa  
Amava a solidão, doce bonina  
Que abre e às douradas alvoradas reza.  
Ora, no mar Pacífico, renascem  
Os sentimentos, qual depois de um sonho  
Os olhos de um menino se comprazem  
Grande-abertos aos céus de luz risonhos  
(MOISÉS, 1995, p. 208).

Ao realizar a leitura do trecho, é possível pensar em cada palavra que o autor escolheu, não só no assunto global do poema, nas rimas ou no ritmo. O esforço do autor incide sobre a estrutura da mensagem, sobre a forma de dizer. A visão aprazível da natureza latino-americana é claramente percebida: a utilização de adjetivos de conotação positiva demonstra a admiração: radial, gentil, alvejantes, douradas, doce, risonhos. Além disso, os olhos parecem regozijar-se diante da cena. A princípio, existe uma admiração pelo local, pela natureza, por aquilo que é observado naquele momento.

Nesse mesmo canto, o Guesa passa por alguns países latino-americanos, onde descreve a natureza da região dos Andes: “Eis-me nos horizontes luminosos! Eu vejo, qual eu via, os mundos Andes” (MOISÉS, 1995, p. 208). É quando se depara com a colonização dos índios incas pelos espanhóis. Ele reflete sobre a condição do povo Inca sob poder da colonização espanhola. Antes da dominação, era uma bela nação e populosa. Depois, instaurou-se um poder sem tréguas:

Eneofibradas cimas quase etéreas  
Dos Andes, berço do Inca e monumento,  
Bela nação perdeu-se em idas eras,  
Que era um qual-populoso firmamento.  
[...]  
Cordilheira eternal! eternos, grandes

*Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 132-142, ago.-dez., 2011. Recebido em 27 out.; aceito em 30 nov. 2011.

Altars! – alva transparente névoa!  
Há no assombroso pélago dos Andes  
Íris estranho; e um qual-poder, sem trégua.  
[...]  
Entretanto, é da esperança um sentimento  
De justiça futura que o encanta;  
Mas, antes que a visão de julgamento,  
Creu fé, e houve resignação, a santa.  
(MOISÉS, 1995, p. 210-211).

Entretanto, ainda existe esperança de justiça para o Guesa que escolheu o Inca como representante do homem heroico de todo o continente latino-americano. Menciona fé, julgamento e paciência. Parece referir-se aos momentos da catequização dos indígenas dessa região. Cada palavra utilizada está carregada de significado, o que nos faz pensar e sentir o poema. O assombroso, assustador abismo marítimo é uma metáfora ao poder estrangeiro que se instala no continente.

No canto X, Sousândrade denuncia os problemas presentes no seio do capitalismo florescente e mostra os equívocos contidos no sonho republicano. Em seguida, o primeiro fragmento desse canto, o “Inferno de *Wall Street*” contém um dos símbolos do capitalismo norte-americano: a bolsa de valores de Nova Iorque.

Defesa contra o índio — E s’escangalha  
de Wall-Street ao ruir toda New-York :

(o GUESA, tendo atravessado as ANTILHAS, crê-se livre  
dos XEQUES e penetra em NEW-YORK-STOCK-EX-  
CHANGE ; a Voz dos desertos :)

— orpheu, dante, Æneas, ao inferno  
desceram ; o inca ha de subir . . .  
==Ogni sp’ranza laciare,  
Che entrate . . .  
— Swedenborg, ha mundo porvir ?  
(WILLIAMS & MORAES, 2003, p. 141)

A *Wall Street* é uma rua de Manhattan, é considerada o coração histórico do atual Distrito Financeiro da cidade de Nova Iorque, onde se localiza a bolsa de valores, a mais importante dos Estados Unidos e do mundo. É pereceptível a peregrinação do personagem Guesa: passa as Antilhas e penetra em Nova Iorque onde se vê aprisionado pelos especuladores da Bolsa de Valores (os Xeques). Aparecem os personagens da literatura clássica: Orpheu, Dante e Enéas, que desceram para o inferno. Guesa, o inca, ao contrário, irá subir. O inferno é um metáfora da Bolsa de Valores, lugar em que há agito, barulho, assim *Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 132-142, ago.-dez., 2011. Recebido em 27 out.; aceito em 30 nov. 2011.

como nas transações financeiras e, ao atravessar as Antilhas, pensa ter saído da agitação. Sousândrade realiza uma crítica ferrenha à loucura do mundo capitalista.

A Emanuel Swedenborg, teólogo e visionário sueco do século XVI, é dirigida a pergunta: “ha mundo porvir”?, na qual transparece uma visão pessimista do mundo, resultado do capitalismo, da ambição e do egoísmo do homem daquela época. A própria estrutura e disposição gráfica do poema remontam à insensatez e à turbulência do mundo dos negócios, representado pela Bolsa de Valores. Guesa é análogo a Sousândrade, que perâmbula pelo mundo e se vê incorformado com a situação, falece em extrema pobreza. A lenda quíchua do adolescente sacrificado conta que ele morre depois ter o coração extraído.

De forma semelhante, em certas escritas, Augusto dos Anjos deixa transparecer traços de melancolia e de pessimismo. Seu poema *Psicologia de um vencido* nos remete à angústia da inevitável decomposição do homem.

Eu, filho do carbono e do amoníaco,  
Monstro de escuridão e rutilância,  
Sofro, desde a epigênese da infância,  
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,  
Este ambiente me causa repugnância...  
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia  
Que escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme este operário das ruínas  
Que o sangue podre das carnificinas  
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,  
E há de deixar-me apenas os cabelos,  
Na frialdade inorgânica da terra!  
(MOISÉS, 1995, p. 336).

O poeta traça um destino para si mesmo e para o ser humano: a perspectiva de um destino inevitável de sofrimento e dor. Sua cosmovisão de mundo é totalmente negativista. Paremos para ler e compreender o significado de amoníaco: um gás incolor que se dissolve facilmente em água. Assim se diz ele mesmo e, conseqüentemente, toda a espécie humana: algo que se desfaz simples e rapidamente. Coloca-se como um mero espectador, pois é o verme que age, que come e declara guerra à vida. O verme é operário, é ele que trabalha. “Dimensão cósmica, em primeiro lugar. A. dos Anjos centrava, de modo obsedante, no ser



humano, todas as energias do universo que se teriam encaminhado para a construção desse mistério que é o 'eu' (BOSI, 2006, p. 288).

É importante ainda chamar a atenção para a linguagem do poema. Os vocábulos são esdrúxulos, o que pode muitas vezes, de antemão, assustar o leitor. Entretanto, volta-se a afirmar a importância das leituras, note-se no plural, e da significância de apreciarmos cada fonema, cada palavra, cada frase. Torna-se imprescindível aprimorarmos nossa sensibilidade e explorarmos nossos sentidos. Também não podemos ler um poema e pensar que a nossa interpretação é única e fixa. Carlos Reis (2001) chama a atenção justamente para a interiorização egocêntrica do sujeito poético nos textos líricos.

A interiorização a que os textos líricos procedem relaciona-se com propensão eminentemente egocêntrica própria do sujeito poético. Colocando-se no centro de um determinado universo [...], o sujeito poético tende, assim, a afirmar uma atitude acentuadamente individualista. Mas egocentrismo e individualismo não significam necessariamente egoísmo e alheamento, pois que essa interiorização pode traduzir também um acto de intensa solidariedade para com os outros e para com a vida (REIS, 2001, p. 314).

Esse mesmo cuidado precisamos ter ao examinarmos o poema *O corrupião*, também de Augusto dos Anjos, que nos provoca diferentes sensações.

Escaveirado corrupião idiota,  
Olha a atmosfera livre, o amplo éter belo,  
E a alga criptógama e a úsnea e o cogumelo,  
Que do fundo do chão todo o ano brota!

Mas a ânsia de alto voar, de à antiga rota  
Voar, não tens mais! E pois, preto e amarelo,  
Pões-te a assobiar, bruto, sem cerebello  
A gargalhada da última derrota!

A gaiola aboliu tua vontade.  
Tu nunca mais verás a liberdade! ...  
Ah! Tu somente ainda és igual a mim.

Continua a comer teu milho alpiste.  
Foi este mundo que me fez tão triste,  
Foi a gaiola que te pôs assim!  
(Jornal de poesia<sup>2</sup>).

O corrupião é um pássaro que se destaca pelo canto e pela plumagem. Embora predominantemente negro, possui penas amarelas e alaranjadas. Além de emitir seu próprio

---

<sup>2</sup> Disponível em <<http://www.revista.agulha.nom.br/augusto.html>>. Acesso em 20 out. 2011 às 16h10min. *Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 132-142, ago.-dez., 2011. Recebido em 27 out.; aceito em 30 nov. 2011.

canto, é capaz de imitar o de outras aves, ou mesmo certos trechos de música. No poema, é uma ave que está livre, mas que não deseja mais voar alto. Isso demonstra a sua ruína: “a gargalhada da última derrota”. Agora está preso, não terá mais liberdade. Como para Augusto dos Anjos a vida aspira à morte e à anulação de sua pessoa, fica fácil fazer essa relação entre o corrupião e o poeta. Escaveirado é um rosto magro e descarnado, lembrando uma caveira, o que nos remete mais uma vez a um estado de melancolia e pessimismo do autor. O pássaro se pôs a assobiar sem cerebelo, do qual depende para realizar os movimentos e para manter o equilíbrio; mas o corrupião passa a cantar não utilizando mais esse órgão. É o movimento para sua ruína.

Nota-se claramente que o poeta se compara ao pássaro quando afirma “Tu somente ainda és igual a mim”. É como se também vivesse preso, sem forças para se desprender da gaiola, apesar de perceber, logo nos primeiros versos, a atmosfera livre. Transparece em todo o poema a sinestesia, que consiste em aproximar as sensações percebidas por diferentes órgãos dos sentidos. Temos a sensação olfativa e visual do “éter belo”, a sensação gustativa do “milho alpiste”, a sensação visual e tátil da “alga criptógama”, da “úsnea” e do “cogumelo”, e a sensação auditiva do assobio e da gargalhada. Já na primeira linha, observamos o vocabulário agressivo de Augusto nos vocábulos “escaveirado” e “idiota”.

Nesse sentido, percebe-se a riqueza de linguagem utilizada nos poemas dos dois poetas em estudo. Essa riqueza, ou seja, esse mundo de possibilidades de leitura do texto poético precisa ser fonte motivadora do trabalho com a poesia em sala de aula. É a partir da exploração de todos os sentidos da palavra, do verso, e da estrofe do poema, que podemos compreender o seu significado, ou pelo menos, senti-lo. Assim é que realizaremos a verdadeira leitura desse gênero literário, tarefa imprescindível para o despertar do prazer de ler poemas, especialmente em sala de aula.

Diante do exposto e das análises realizadas, é possível pensarmos em não trabalhar poesia na sala de aula? Pode-se permitir que se realize uma única leitura de um texto poético sem que se recorra à hermenêutica ou sem evidenciar as potencialidades da linguagem: a conotação, a metáfora, a sonoridade, o ritmo; enfim, a maneira peculiar, emotiva, nova, diferente e criativa de expressão de um texto poético? Se tentarmos, primeiramente, ler poesia na verdadeira acepção da palavra leitura, para depois explorar o mundo de possibilidades que o texto nos proporciona, teremos garantia de sucesso no trabalho com esse gênero textual. Dessa forma, em pleno século XXI, é imperativo que se leia poesia na escola.

*Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 132-142, ago.-dez., 2011. Recebido em 27 out.; aceito em 30 nov. 2011.

**RESUMEN:** El trabajo con el texto poético en sala de clase se ha convertido una tarea ardua en el siglo XXI. No hay más el hábito de la lectura en su totalidad, pero del texto poético está cada vez más precario y escaso. Eso ocurre, en gran parte, porque la mayor parte del tiempo el lector, el alumno o el profesor, no conoce las formas de lectura de la poesía, tanto de parte del alumno cuanto de parte de los profesionales de la educación. Así, el objetivo de este trabajo es ofrecer nuevas posibilidades de lectura para el texto poético, a partir de algunos poemas de Joaquín de Sousa Andrade y Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, cuyos escritos necesitan varias lecturas de modo que se pueda entenderlos, interpretarlos y aplicarlos. Se vuelve necesario recibir esos poemas, de modo que sensetizen, provoquen emociones, impresiones o reflexiones. Como referencias, se utilizó algunos conceptos de Jauss y de Cortez y Rodrigues.

**PALABRAS-CLAVE:** Literatura. Poesía. Lectura. Sousândrade. Augusto Dos Anjos.

### Referências

- ANJOS, Augusto dos. *Jornal de Poesia*. Disponível em <<http://www.revista.agulha.nom.br/augusto.html>>. Acesso em 20 out. 2011 às 16h10.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Educação do Ser Poético*. São Paulo: Arte e Educação, 1974.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CORTEZ, Clarice Zamonaro; RODRIGUES, Milton Hermes. Operadores de Leitura da Poesia. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.
- JAUSS, Hans Robert. O Texto Poético na Mudança de Horizonte da Leitura. In: LIMA, Luis Costa (Org.). *Teoria da Literatura em suas Fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 2 v.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira através dos Textos*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- REIS, Carlos. *O Conhecimento da Literatura: introdução aos estudos literários*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2001.
- WILLIAMS, Frederick; MORAES, Jomar. (Orgs.). *O Guesa: Poesia e Prosa reunidas de Sousaândrade*. São Luís: AML, 2003.

*Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 132-142, ago.-dez., 2011. Recebido em 27 out.; aceito em 30 nov. 2011.